



Levantamento socioeconômico dos pescadores da comunidade do Angari

Israel Vieira de Souza* e Tâmara de Almeida e Silva

Universidade do Estado da Bahia, Rua Silveira Martins, 2555, 41150-000, Salvador, Bahia, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: israel_cnbp@hotmail.com

RESUMO. A pesca artesanal relaciona-se diretamente a determinantes ambientais, culturais e socioeconômicos. A capacidade do pescador em adaptar-se a um padrão social depende de um conhecimento técnico tradicional sobre valores ecológicos, que se relacionam com o contexto socioeconômico, essencial para própria sobrevivência. A partir desses pressupostos, estudou-se a Comunidade de pescadores artesanais do Angari, com o objetivo de traçar seu perfil socioeconômico e capacidade de resiliência. A pesquisa foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2016, por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas a 80 pescadores artesanais. Observou-se prevalência do sexo masculino (85%) e de casados (43%), baixa escolaridade e uma população que está envelhecendo, com pouca possibilidade de entrada de jovens na atividade. As famílias são formadas pelo casal com até dois filhos. A maior parte dos pescadores (91%) é beneficiária do seguro-desemprego da pesca, por meio do cadastro na Secretaria da Pesca. Concluiu-se que o levantamento socioeconômico realizado neste trabalho propicia informações importantes para o desenvolvimento de políticas públicas que podem beneficiar os pescadores da comunidade, colaborando para redução dos impactos sociais e ambientais sofridos por essa comunidade, contrapondo-se ao abandono de suas tradições e oportunizando o sustento desses pescadores por meio dos recursos pesqueiros.

Palavras-chave: identidade; pesca artesanal; resiliência; comunidade tradicional; gênero; impactos sociais.

Socioeconomic survey of the Angari community's fishers

ABSTRACT. Artisanal fisheries are directly related to environmental, cultural and socioeconomic determinants. Fisherman's ability to coexist under a social pattern depends on a traditional technical knowledge of ecological values, related to the socioeconomic context, which is essential for survival. Based on these assumptions, the Angari Community of artisanal fishermen was studied with the objective of outlining their socioeconomic profile and resilience capacity. The survey was conducted between October and November 2016, through the application of semi-structured interviews to 80 artisanal fishermen. Prevalence was observed among males (85%) and married (43%), besides poor education and an aging population, with little possibility of entry of young people into the activity. Most of families are formed by a couple with up to two children. Most fishermen (91%) are beneficiaries of 'fish unemployment insurance' through the register of the Brazilian Fisheries Secretariat. Among conclusions, we verify that the socioeconomic survey carried out in this work provides important information for the development of public policies that can benefit the Angari fishermen, collaborating to reduce the social and environmental impacts suffered by the community, opposing the abandonment of their traditions to allow the livelihood of fishermen through fishing resources.

Keywords: identity; artisanal fishing; resilience; traditional community; genre; social impacts.

Introdução

O conhecimento dos pescadores artesanais tem se mostrado de grande significância para a preservação de sua sabedoria tradicional, capaz de transmitir sua cultura a seus descendentes. Segundo Marques (2010) essa é uma forma de se adaptar a um padrão de sociedade em que o sucesso de pescador depende de múltiplos meios, sejam eles comportamentais ou cognitivos.

Os pescadores artesanais mantêm íntima relação com o meio ambiente e possuem um corpo de conhecimento acerca da classificação, história natural, comportamento, biologia e utilização dos recursos naturais da região onde vivem (Silvano, 1997). Valendo destacar suas experiências pessoais e coletivas na proteção do seu entorno e de sua cultura. Nesse contexto, a ecologia humana representa o mecanismo por meio do qual o homem

é capaz de observar sua influência sobre seu entorno e de entender o quanto interfere em suas ações (Milton, 1993).

Nesse sentido a pesca artesanal se caracteriza por meios de produção com tecnologia relativamente modesta, um sistema de capturas multiespécies e relações de trabalho fundadas na parceria (Prost, 2007). Para Diegues (1993), a tecnologia utilizada por essas populações é relativamente simples, com limitado impacto sobre o ambiente.

Abordagens mais recentes da relação homem e meio, baseadas nas relações entre distintas modalidades de apropriação dos recursos naturais, ampliaram as análises incorporando outras mediações nessa relação. O fato de os homens se relacionarem primeiro entre si e daí com a natureza baseia-se não apenas na materialidade dos recursos, mas também em concepções simbólicas imaginárias (Cardoso, 2001). Tal capacidade é essencial para a própria evolução, já que vivemos em um mundo ambientalmente variável. Essa variação participa da força geradora da capacidade adaptativa e da habilidade para modificar ou mudar o comportamento a fim de lidar melhor com o estresse externo (Adger, Brooks, Benthén, Agnew, & Eriksen, 2004).

A atividade pesqueira brasileira desenvolveu-se, ao longo de sua história, de maneira lenta e calcada, em moldes artesanais. A exploração dos recursos foi realizada primeiramente para garantir a subsistência de pequenos centros pesqueiros, restringindo a importância comercial àqueles centros populosos mais próximos (Massumoto, 2003).

Sobre o modo de vida dos pescadores artesanais, Diegues (1993) afirma que o estilo de vida dessas populações apresenta características que as diferenciam muito das comunidades típicas dos meios urbanos maiores e mais industrializados. Antes de tudo, suas atividades econômicas apresentam forte dependência em relação à natureza e aos recursos naturais renováveis, que são os mantenedores de seu modo particular de vida. Os participantes dessas populações, de forma geral, são portadores de profundos conhecimentos sobre a natureza e sua dinâmica.

Nessas comunidades, ainda afirma Diegues (1993), a unidade familiar, doméstica ou comunal, bem como as relações de parentesco ou de compadrio recebem grande importância, pois geralmente sustentam o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais. A divisão técnica e social do trabalho também é reduzida, destacando-se as práticas artesanais, nas quais o produtor e sua família dominam todo o processo de trabalho. A

manutenção desse estilo de vida, então, longe de colocar em risco, favorece a preservação dos recursos naturais e da biodiversidade neles contida.

Este artigo faz referência à Ecologia Cultural, que objetiva realizar descrições etnográficas e a análise dos sistemas de produção constituídos por indivíduos que ocupam determinado habitat no meio ambiente e suas escolhas adaptativas (Diegues, 1993). A partir desses pressupostos, propõe-se estudar a comunidade de pescadores artesanais do Angari, com o intuito de traçar o perfil socioeconômico desse grupo, partindo do dia-a-dia deles, apresentando contribuições para futuras tomadas de decisões governamentais que possam trazer melhoria na qualidade de vida e manutenção do modo de vida.

Material e métodos

Área de pesquisa

A população objeto deste trabalho foi constituída pelos pescadores e pescadoras artesanais da comunidade do Angari, que está localizada no município de Juazeiro (latitude -9,414 e Longitude -40,513) - Estado da Bahia (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010a).

Essa comunidade localiza-se à jusante da barragem de Sobradinho (BA). Em se tratando dessa localização, estudos comprovam que, após a construção das barragens no Rio São Francisco, espécies de peixes desapareceram da região do Vale do São Francisco, comprometendo a cultura pesqueira da comunidade e alterando as características do trabalho dos pescadores. Além desses elementos, existe também a questão ambiental relacionada ao despejo de esgotos sem tratamento, lançados diretamente no leito do rio (Alves, 2014).

Assim, a inexistência de recursos e tecnologias atuais que os auxiliem na melhor obtenção de recursos da atividade pesqueira em que estão inseridos, relaciona-se à concepção de pesca artesanal alicerçada de habilidades e talento nos momentos precisos, seja durante a pesca ou durante a confecção de instrumentos de trabalho (Ramalho, 2007). Subsídios para compra de combustível e material para construção e manutenção dos apetrechos, fábrica de gelo e suporte técnico poderiam melhorar o desenvolvimento da atividade de pesca e aproveitamento do pescado, garantindo sustentabilidade e rentabilidade para as famílias, sem descaracterizar o estilo de vida dos pescadores artesanais.

Coleta de dados

A pesquisa foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2016, por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas a pescadores e pescadoras artesanais, que moram na comunidade do Angari. Para essa fase foi dada liberdade aos informantes para se expressar e comentar de forma mais aberta, sobre a percepção socioeconômica local.

Foi criado um roteiro de pesquisa que serviu para realização de um pré-teste que validasse as informações. Embora o roteiro de entrevistas tivesse sido preparado com a preocupação de obter o máximo de dados, tentou-se extrair informações relativas à identidade do pescador com sua atividade e estilo de vida, visto que essa comunidade encontra-se na zona urbana de Juazeiro-BA e sofre influências do meio, tanto do ponto de vista econômico quanto cultural.

Para início das entrevistas contou-se com o apoio do presidente da colônia de pescadores Z-60, que apresentou formalmente o pesquisador para a comunidade, estreitando os laços de confiança entre pesquisador e pesquisados.

Cada informante recebeu um termo de consentimento livre esclarecido (TCLE), enquanto lhe era apresentado o objeto da pesquisa e assegurado sigilo na divulgação das informações. Além dos registros citados, cada um teve sua fala gravada digitalmente e posteriormente transcrita, respeitando-se o linguajar do entrevistado e resguardando sua identificação, para futuras análises de informações, que porventura, tivessem passadas despercebidas durante a entrevista. As entrevistas foram realizadas em locais definidos pelos entrevistados. Em alguns momentos, as mesmas foram realizadas nas proximidades da colônia de pescadores.

Para quantificar o número de pescadores a serem entrevistados usou-se as recomendações de Albuquerque, Lucena, e Cunha (2010), ao utilizar a tabela de tamanhos de amostra exigidos para vários tamanhos de população, considerando um intervalo de confiança de 5%. Assim, de acordo com a tabela, é recomendado para uma população de até 149 indivíduos uma amostra de 80 indivíduos. Em seguida, as análises dos dados foram expressas em forma de gráficos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia, CEP – Uneb, sob número 1.767.970, no dia 10/10/2016.

Resultados e discussão

Foram realizadas 80 entrevistas com os pescadores e pescadoras da comunidade do Angari,

sendo o gênero masculino o mais representativo, com 85% da população amostrada (Figura 1). Esses valores assemelham-se aos encontrados em estudo realizado no reservatório e adjacências de Coaracy Nunes, no estado do Amapá, em que 84,91% eram do sexo masculino (Oliveira, Vasconcelos, Pereira, Nahum, & Teles Junior, 2013), por Rezende e Oliveira (2015) no baixo São Francisco (75%), compreendendo cidades dos Estados de Alagoas e Sergipe (AL-SE), e no reservatório de Billings (77%) em São Paulo por Silva, Castro, Maruyama, e Paiva (2009). Esses resultados estão relacionados ao tipo de pesca efetuada nos reservatórios, que exige maior esforço físico e resistência, características mais evidenciadas nos homens. No entanto, os dados divergem dos números apontados por Alencar e Maia (2011) que indicam uma predominância de 38,97% de mulheres na pesca para a Região Nordeste e 34,27% para o cenário nacional. Segundo esses mesmos autores, essas divergências podem estar relacionadas ao tipo de atividade pesqueira dessas regiões, onde predomina especificamente a atividade de mariscagem, na faixa litorânea, muito exercida pelas pescadoras e que não ocorre na pesca realizada nos rios. Isso justifica a menor expressividade de participação da mulher na comunidade em estudo. Essa distinção é bem caracterizada por Hoebel e Frost (2001, p. 152), quando afirmam que '[...] embora cada sociedade divida o trabalho dos homens e o das mulheres, o que é claramente trabalho dos homens em uma sociedade, pode ser trabalho das mulheres em outra'. Ou seja, cada comunidade de pescadores tem uma organização sociocultural distinta.

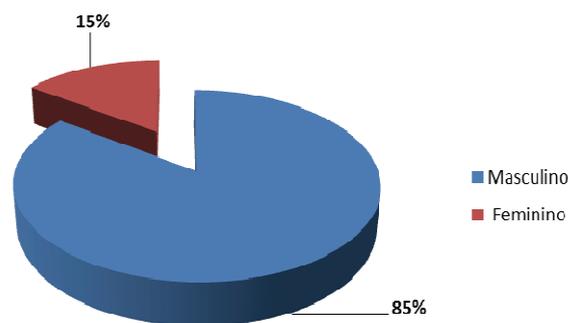


Figura 1. Distribuição da amostra em relação ao gênero na comunidade Angari em 2016.

Nessa concepção, diz-se que as mulheres são tradicionalmente responsáveis pelas atividades domésticas em nossa sociedade. Essa divisão por sexo já foi considerada biológica, ou seja, uma divisão natural. Entretanto, Cattani e Holzmann (2006, p. 101-102) declaram que:

Estudos comparativos de sociedades culturalmente distintas demonstraram a impropriedade desses argumentos, ao revelarem que os supostos 'dons naturais' atribuídos aos homens e às mulheres não são similares em contextos culturais diferentes.

Em estudos sobre atividade pesqueira no Nordeste, Woortmann (1992) sinaliza que a pesca é uma atividade desenvolvida por homens, porém ela não é a única atividade desenvolvida para a manutenção da reprodução social. A agricultura, geralmente desenvolvida nessas comunidades, é uma atividade feminina, que não possui muitas vezes reconhecimento econômico, mas que garante a reprodução cotidiana familiar.

Estudos demonstraram (Rocheleau & Edmunds, 1997; Heathcote & Thomas, 1997) que a introdução da variável gênero adiciona uma outra dimensão à análise dos ambientes naturais, em virtude das relações de poder entre homens e mulheres em muitas sociedades. Essas relações de poder estão sujeitas a mudanças. A concepção para se conhecer as intrincadas interações entre os processos sociais e os de ordem da ecologia tradicional determinou o caráter interdisciplinar da ecologia humana (Pires & Craveiro, 2012). Nesse aspecto a Ecologia Humana se dispõe numa abordagem multidisciplinar, posicionando o ser humano como ser integrante do meio ambiente, submetido às forças econômicas, sociais e políticas.

Das mulheres pescadoras entrevistadas, a maioria afirmou sair para pescar com seus companheiros e que são responsáveis pela limpeza e venda do pescado, além de ajudar na manutenção dos apetrechos de pesca (rede e tarrafa). Alencar (1993, p. 67) alega que a '[...] participação da mulher em atividades de pesca é um fato etnográfico que precisa ser observado e interpretado, tomando o universo de trabalho na pesca como um todo'.

Os dados encontrados no presente estudo são análogos aos encontrados por Rezende e Oliveira (2015) no baixo São Francisco (SE-AL). Nesse contexto, pode-se deduzir que as mulheres atuam no auxílio do marido de forma direta, saindo para pescar com ele, ou de forma indireta, beneficiando e vendendo o pescado. Essas informações também foram verificadas no baixo e médio Tietê (SP) (Maruyama, Castro, & Paiva, 2009). De forma geral, as mulheres costumam realizar as pescarias com seus companheiros, independente da região. Quando solteiras, fazem com seus filhos ou parentes próximos. A realização da atividade, em regime familiar, é uma característica peculiar da pesca artesanal, sendo a partir dessa prática que se efetiva a transmissão dos saberes locais de geração para geração, por meio da prática e da oralidade. Segundo

Diegues (1993) o conhecimento tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação. Esse estilo de vida representa a atitude dos envolvidos em relação à localidade que habitam. Dessa forma, conforme Souza e Brandão (2012, p. 81) '[...] a percepção da cultura e da natureza permeia e faz parte da vida de homens e mulheres acostumados a viverem, tendo o rio como um lugar de vida'. No entendimento e Mello (1987) a cultura não é um processo individual, mas coletivo.

O enfrentamento das adversidades cotidianas da atividade pesqueira culmina para uma estrutura de coesão e de envolvimento de todo o grupo familiar. A união dos familiares na realização da atividade pesqueira contribui para amenizar as dificuldades e os inúmeros problemas vivenciados. Begossi (1998) acredita que comportamentos culturais podem influenciar a resiliência ecológica. É preciso igualmente ponderar que as populações locais e tradicionais são parte ativa e vital, com uma participação importante na gestão dos ecossistemas e podem aumentar a resiliência desses (Berkes, Colding, & Folke, 2000). O estudo da adaptabilidade humana tende a enfatizar a flexibilidade da reação humana frente ao ambiente (Moran, 2010).

Em relação ao estado civil dos entrevistados, 42 se declararam casados, 26 amasiados e 25% solteiros (Figura 2). No reservatório de Billings foram encontrados resultados próximos, em que 58 dos pescadores relataram ser casados e/ou 'amasiados' e 26% solteiros (Silva et al., 2009). As informações sobre estado civil não são muito precisas, pois pescadores amasiados diziam ser solteiros ou casados. Tal fato também foi observado por Silva et al. (2009) e Maruyama (2007). Isso pode estar relacionado ao fato de que alguns indivíduos só consideram o estado civil casado quando há a oficialização legal ou religiosa do fato. Nesse ponto, cabe uma discussão sobre a natureza simbólica do pensamento desses povos tradicionais e do relacionamento que eles mantêm com o meio ambiente em que vivem e sua relação com as instituições religiosas.

A faixa etária dominante entre os pescadores foi entre 46 e 50 anos, representando 24%. Em seguida as faixas de 41 a 45 anos e 51 a 55 anos, ambos representando 14% da população (Figura 3). Dados da mesma qualidade foram encontrados no nordeste do Pará, onde cerca de 70% dos pescadores situam-se nas faixas superiores a 35 anos (Santos, 2005). Similaridade foi obtida por Silva et al. (2009) em São Paulo. Já Oliveira et al. (2013) identificaram, em estudo no Amapá, a faixa etária entre 25 e 35 anos como a mais representativa, em que ponderou que a

população de pescadores daquela região era jovem. De forma contrária, esta pesquisa identificou que a distribuição dos pescadores nas faixas entre 21 e 35 anos é menos representativa, o que configura o envelhecimento da população pesqueira da região. Isso pode estar relacionado com a redução dos estoques pesqueiros. Como consequência surge o desestímulo para adesão à atividade pesqueira, colocando esse modo de vida tradicional em situação de vulnerabilidade. Corrobora essa afirmativa o fato de que o núcleo familiar da maioria dos pescadores é composto por apenas um (1) pescador, que em sua maioria tem entre 46-50 anos de idade (Figura 3) e é representado em maior parte pela figura do pai. Esses pais (77%, Figura 8) não desejam que seus filhos sejam pescadores, pois não querem que eles passem pelas dificuldades econômicas que os mesmos passam.

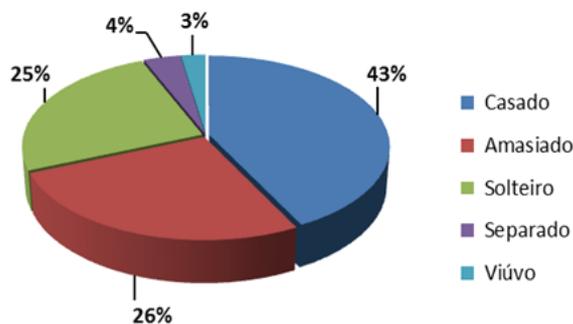


Figura 2. Estado civil dos informantes, na comunidade Angari em 2016.

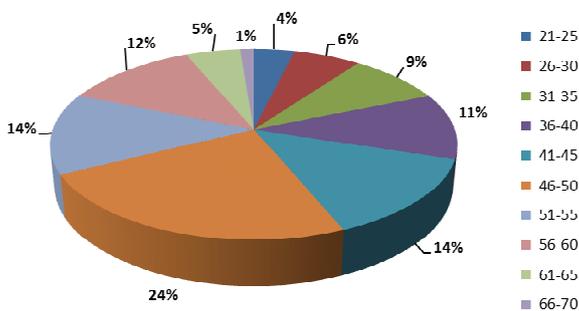


Figura 3. Faixa etária dos informantes na comunidade Angari em 2016.

Considerando a falta de interesse dos jovens para seguir os caminhos dos velhos pescadores, é possível afirmar que o estabelecimento de valores econômicos exige a desvalorização de todas as outras formas de vida social. Tal fato é comprovado pela faixa etária predominante na pesca (46-50 anos) e a descontinuidade de eventos culturais que ocorriam na comunidade e hoje não mais ocorrem. Os mais velhos falam com saudosismo das festas que ocorriam na beira do rio, onde toda a comunidade

participava. Essas festividades não mais existem. Os jovens não saem mais com os pais para pescar, não sabem construir ou fazer manutenção nos apetrechos de pesca, tudo é comprado. Essa desvalorização transforma, rapidamente, habilidades em carências, bens públicos em recursos, homens e mulheres em trabalho que se compra e vende como um bem qualquer, tradições em fardo, sabedoria em ignorância, autonomia em dependência (Esteva, 1992). Assim, medidas de incremento da qualidade de vida dos moradores extrativistas e o reconhecimento da importância do conhecimento local das práticas de manejo podem representar uma forma de reorganização. Isso conduzirá ao redirecionamento adaptativo e flexível, de modo que possa auxiliar na construção de resiliência e sustentabilidade nos sistemas socioecológicos (Folke, Berkes, & Colding, 1998).

Em se tratando da relação entre faixa etária e escolaridade de pescadores Ceregado e Petreter Jr. (2003) sinalizam que a pesca não confere limites de idade e/ou escolaridade para seus praticantes, o que parece ser mais comum em famílias ribeirinhas. Essa afirmativa pode ser observada nessa população, em que a maior parte dos entrevistados apresenta escolaridade fundamental incompleta e fundamental completa (62%) (Figura 4). Fato semelhante foi registrado por Rezende e Oliveira (2015), Oliveira et al. (2013) e Silva et al. (2009). Em relação à média nacional, Alencar e Maia (2011) afirmam que 75% dos pescadores brasileiros possuem apenas o ensino fundamental incompleto e 5,69% fundamental completo. Já para o Nordeste, esses números são 72,5 e 4,8%, respectivamente. Os números da comunidade do Angari apresentam uma relativa melhora, considerando que 31% apresentam ensino fundamental completo, no entanto ainda assim infere-se que o baixo nível de escolaridade entre os pescadores é um fato. Esses dados os vincula ainda mais à atividade de pesca, pois, conforme Cardoso (2005), isso ocorre, provavelmente, devido à falta de qualificação para o exercício de outras atividades mais bem remuneradas.

O abandono dos estudos e a inserção no mundo do trabalho resultam do contexto social e econômico em que essa comunidade está inserida, visto que o sucesso na escola de membros desse grupo social, constitui uma exceção. Hoje, no Brasil, todas as comunidades tradicionais se encontram articuladas e dependentes da formação social capitalista. Como consequência, a reprodução econômica, ecológica e sociocultural passa pela última (Diegues, 1993). Corroborando essa perspectiva Moran (2010, p. 130) afirma que “[...] os ajustes sociais incluem,

sobretudo, formas de organização social e econômica’.

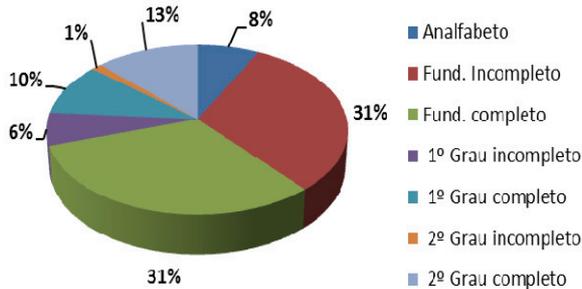


Figura 4. Escolaridade dos informantes da comunidade Angari em 2016.

No caso da composição familiar, verificou-se que a maior parte dos entrevistados afirmaram possuir entre 1 e 2 filhos (Figura 5), com uma média de 2,74 filhos por pescador. Esse valor ainda é alto se comparado com a taxa de fecundidade de 2,06 para o Nordeste e 1,90 para o Brasil (Censo Demográfico 1940/2010; IBGE, 2010b). Valores próximos a essa média também foram encontrados no baixo São Francisco (SE-AL), 2,1 filhos por pescador (Rezende & Oliveira, 2015). Oliveira et al. (2013) identificaram no Amapá, uma média de 4,1 filhos para a maioria da população entrevistada (90,57%), além de identificar a participação dos filhos nas atividades da pesca. Essa é uma diferença marcante entre as comunidades participantes do estudo, visto que a população envolvida nesta pesquisa não citou a participação dos filhos nas atividades de pesca. Já para Silva et al. (2009) a média de filhos também ficou em 4 (SP), e Maruyama et al. (2009) identificaram uma média de 3,6 filhos para o Baixo Tietê (SP). Conforme afirma Mello (1987), as transformações culturais ocorrem em função de novas necessidades. Dessa forma, a redução do número de filhos na comunidade do Angari, está relacionada à baixa expectativa da pesca em relação à manutenção do núcleo familiar e à queda nas capturas, fatos apontados pelos pescadores no sentido de justificar o abandono da atividade, além do aspecto de redução da fecundidade apontada pelo IBGE (IBGE, Censo Demográfico 1940/2010) que atinge todo o município, o que não seria diferente para uma população que vive no centro urbano da cidade. Nesse contexto Boff (2004, p. 22) traz uma concepção que é significativa destacar: ‘As sociedades sempre organizam suas relações para com o meio no sentido de garantir a produção e reprodução da vida’. Uma família numerosa não se encaixa nesse novo modo de vida urbana e não pode ser sustentada pela pesca artesanal nessa região.

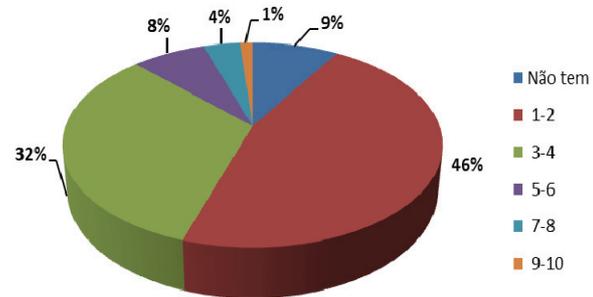


Figura 5. Número de filhos por família na comunidade Angari em 2016.

Analisando o tempo de adesão à colônia de Pescadores Z-60, a maioria dos entrevistados (39%) possui entre 6 e 10 anos de adesão, enquanto que 35% até 05 anos (Figura 6).

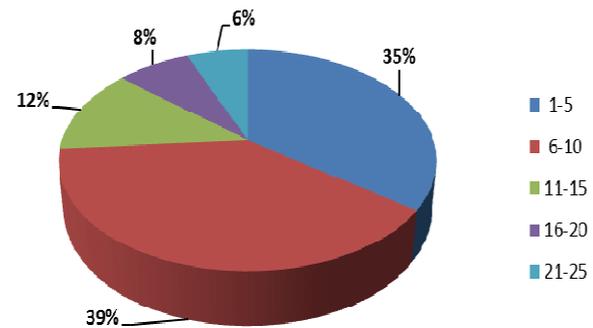


Figura 6. Tempo associado na colônia de pescadores Z-60.

As Colônias são organizações sociais, que, de acordo com sua criação histórica e papel atual, são as representações da classe que vêm intervindo a favor da atividade junto ao governo brasileiro, desde 1846 (Begossi, 2002). Levando em consideração que a colônia foi fundada em 1992, pode-se inferir que poucos pescadores se filiaram na colônia Z-60 nos seus primeiros 15 anos de fundação. O pagamento de benefícios como o seguro desemprego, pode ter gerado a busca pela filiação junto à Colônia, justificando o aumento do número de filiados.

É importante salientar que esses trabalhadores estão inseridos numa sociedade cuja economia estimula o crescimento desordenado e uma relação cada vez mais predatória com a natureza, a ponto de quase inviabilizar, em muitos locais, a sobrevivência por meio da pesca artesanal. Destaca-se que as comunidades de pescadores artesanais sofrem a influência de transformações históricas, estando integradas às economias de mercado e aos sistemas políticos. Esse fato interfere no modo de vida, nas formas de exploração do recurso e na riqueza cultural dessas comunidades.

Nesse contexto, quando questionados sobre o recebimento do seguro desemprego, 91% dos

informantes afirmaram receber o benefício (Figura 7). Para os pescadores do reservatório de Coaracy Nunes, esse número ficou em 84,91% (Oliveira et al., 2013) e 77% para os pescadores do baixo São Francisco (SE-AL) (Rezende & Oliveira, 2015). Esses números indicam que a maior parte dos pescadores da comunidade do Angari é dependente do referido seguro, e que talvez não haja, nessa região, em detrimento das outras anteriormente citadas, oportunidades de emprego e renda que possam ser exercidas pelos pescadores, levando em consideração a qualificação deles. Corroborando essa inferência, Rezende e Oliveira (2015) afirmaram que em torno de 19% dos entrevistados ingressaram na pesca por falta de opções ou condições para outra atividade. Sendo assim, a baixa escolaridade e falta de oportunidades de desenvolvimento de outras atividades faz com que a pesca se apresente como uma, se não a única possibilidade de renda. A análise dos processos complexos que levaram no passado a situações de vulnerabilidade, em eventos que enfraqueceram a resiliência desses, propicia um bom começo para compreender e se preparar para o que pode ser experimentado no futuro (Berman, Quinn, & Paavola, 2012), ainda que se reconheça que seja insuficiente. Nesse sentido, cada obstáculo é também uma oportunidade (Moran, 2010).

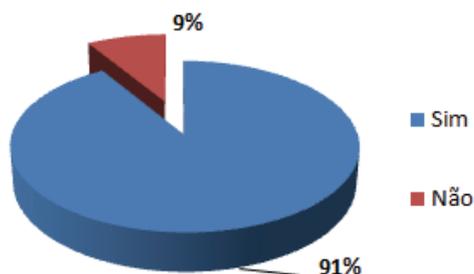


Figura 7. Pescadores que recebem seguro desemprego da pesca, na comunidade Angari em 2016.

Segundo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Brasil, 2016) o defeso da Piracema na bacia do Rio São Francisco teve início em 1º de novembro e seguirá até 28 de fevereiro. Nesse intervalo de tempo, estão restritas a pesca na bacia e nos reservatórios do São Francisco, assim como a venda do pescado. A norma também estabelece, para fins de subsistência, o limite de captura e transporte diário de 5 kg de peixes mais um exemplar por pescador. Durante esse período, os pescadores cadastrados na colônia de pescadores Z-60 recebem um auxílio no valor de um salário mínimo (R\$ 880,00) por mês.

A importância do seguro desemprego para os pescadores pode ser evidenciada nas falas dos pescadores: [...] porque quando chega o período da piracema a gente não pode pescar, aí esse Seguro defesa ajuda. [...] essa colônia aqui é uma mãe de leite [...] agradeço que recebo esse benefício aí [...] muitos vivem disso né. Só tem isso aí [...].

Nesse ponto de vista, pode-se concordar com a afirmação de Fernandes e Sampaio (2008) ao considerarem que a problemática ambiental é amplamente discutida quando relacionada ao modo de vida das sociedades ocidentais, no que se refere à produção e consumo e, portanto, aos problemas sociais e econômicos. A cultura não é adquirida apenas, ela é também transformada, mudada e acrescentada pela inovação ou descoberta (Mello, 1987). Em dados momentos o benefício do seguro desemprego da pesca se eleva a valor cultural dentro da comunidade.

Quando indagados sobre a vontade de que seus filhos sigam a vida de pescador, igual a dos pais, a maior parte dos entrevistados (77%) respondeu que não gostariam que seus filhos seguissem aquela profissão, preferindo que os mesmos estudassem (Figura 8). Paiva, Castro e Maruyama (2006) observaram que entre os pescadores há uma grande preocupação quanto à educação formal de seus filhos. Nesse aspecto, os laços identitários criados com o rio, que mantém viva as heranças culturais se enfraquecem em detrimento de novos valores. Segundo Souza e Brandão (2012, p. 91) ‘[...] os mais velhos reclamam de tantas e tão repentinas mudanças que depressa roubam do lugar a memória das raízes e os modos de ser do presente que até pouco tempo ainda os faziam ser tradicional’, ocorre a chamada fragmentação cultural. É o sentimento identitário, portanto, que permite o indivíduo sentir-se plenamente membro de um grupo e dotá-lo de uma base espacial localizada (Claval, 1999), objetivada e ancorada nas representações sociais, simbólicas, que faz da realidade (Moscovici, 2011).

Nessa linha de pensamento, Alves e Justo (2011, p. 317) afirmam que

A vida do pescador é composta de terra e água, é produto dessa massa que nem sempre é equilibrada ou perfeita, mas que representa o símbolo maior da atividade criadora e transformadora. Os impactos das barragens sobre a água e a terra provocam rupturas nas imagens primordiais que dão sustentação ao pensamento e à atividade criadora dos ribeirinhos. Novas imagens passam a ser construídas e, conseqüentemente, manifestas nas histórias e narrativas do cotidiano.

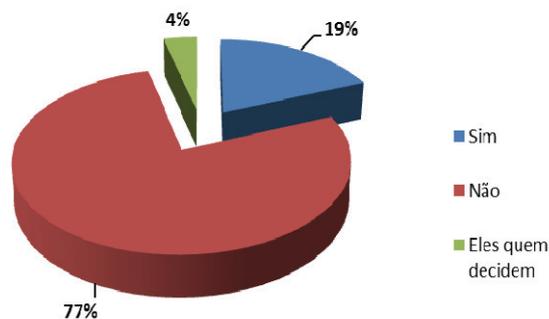


Figura 8. Desejo dos pais de que seus filhos fossem pescadores, na comunidade Angari em 2016.

De acordo com Begossi (1998), uma maior flexibilidade econômica pode representar maior probabilidade de sobrevivência cultural e, aparentemente, as comunidades neotradicionais beneficiam-se dessa flexibilidade. Um exemplo dessa flexibilidade na comunidade do Angari é a realização de atividades econômicas paralelas à pesca, que antes era apenas a agricultura, agora somam-se atividades informais de pedreiro, encanador e jardineiro. Essas atividades servem de complementação à pesca, ou vice-versa, porém o mercado de trabalho não é constante, conseqüentemente os pescadores nomeiam essas atividades paralelas de bico. O aspecto importante é que tal flexibilidade cultural é normalmente relacionada aos comportamentos culturais que podem elevar a resiliência ecológica, como as técnicas de manejo dos recursos e a habilidade de manejar uma mistura de culturas, por meio da qual as tradições culturais sobrevivem juntamente com inovações. Assim, é possível aprender com as novas culturas sem perder os valores das antigas (Boff, 2004). Esses pescadores buscam adaptar-se aos novos valores sociais, tentando sobreviver e se ajustar ao meio, sem perder completamente sua herança cultural, mas adaptando-a ao novo cenário.

Apesar da afirmação de que não dava mais para sustentar uma família com a pesca, 19% dos entrevistados asseguraram que gostariam que seus filhos seguissem a profissão de pescador. Nessa perspectiva, Souza e Brandão (2012, p. 81) '[...] afirmam que a identidade cultural garante a perpetuação de grupos e comunidades tradicionais, proporcionando relações sociais capazes de estreitar os laços de solidariedade, sociabilidade e pertencimento entre os seus membros'. Talvez essa identidade esteja submergindo diante dos estímulos do universo urbano e do rápido acesso às informações, que os mais velhos não tiveram, colocando esse modo de vida em processo de transformação, considerando que a cultura não é

imutável. Nesse sentido Diegues (1993) afirma que as culturas tradicionais não são estáticas, estão em constante mudança seja por fatores endógenos ou exógenos, sem que por isso deixem de estar inseridas dentro de um modo de produção que denominamos de pequena produção mercantil. Essa maior ou menor dependência do modo de produção capitalista, por outro lado, tem levado a maior ou menor desorganização das formas pelas quais o pequeno produtor trata o mundo natural e seus recursos.

As representações elaboradas pelos entrevistados retratam uma situação contraditória com a pesca, já que de um lado assinalam as dificuldades que os desanimam e os levam até a visualizar o fim da profissão, por outro lado, a mesma propicia um estilo de vida que desejam manter e transmitir para seus descendentes. Nesse contexto, Tuan (1980) declara que no mundo moderno as comunidades pesqueiras suportam esse modo de viver, não sendo tanto pela recompensa econômica, senão pelas satisfações obtidas desse estilo de vida ancestral e tradicional.

Essa visão está relacionada com a perspectiva humana da resiliência, que pode ser definida como a capacidade humana de ajustar-se, resistir e se recuperar das adversidades (Rojas, 2011), ou simplesmente, segundo esse autor, ter aptidão para lidar com os desafios do dia a dia. Assim, as análises não devem estar focadas nas fragilidades e sim na capacidade de sobreviver. Para Begossi (1998), a inércia cultural pode deixar de ser útil ao ecossistema, ou, ao contrário, contribuir para elevar a resiliência do sistema socioecológico ao prevenir a sobreexploração de sistemas ou auxiliar na sua recuperação.

Conclusão

A pesca artesanal é garantidora de parte da renda dos membros da comunidade do Angari, atividade essa que ocorre de forma familiar e com a participação da mulher, sendo predominante a participação do homem. A baixa escolaridade é uma característica marcante dos pescadores que praticam a pesca artesanal na comunidade do Angari. Também é vista nos descendentes dos pescadores que entram na atividade da pesca e que podem, dessa forma, perpetuar a atual realidade econômica.

Devido à condição socioeconômica desfavorável, as famílias dos pescadores foram atraídas por valores urbanos, apresentando baixo número de filhos, que somado ao envelhecimento dos pescadores e à baixa entrada na atividade têm levado à perda de conhecimentos tradicionais, a ponto de muitos abandonarem a tradição da pesca.

Mediante o exposto, é visível que essa atividade tradicional vem perdendo sua capacidade de se perpetuar, fato que tem gerado insegurança nos pais, ao ponto desses preferirem que seus filhos exerçam outras atividades que não a pesca. Os pais estão dando maior credibilidade à educação formal do que à tradição da pesca artesanal para garantir a melhoria da qualidade de vida das próximas gerações.

Assim, a adesão da maior parte dos pescadores à colônia Z-60, nos últimos 10 anos, não parece advir apenas de uma atração pela tradicional atividade pesqueira. Considerando que a maioria é beneficiada pelo seguro desemprego da pesca, cogita-se que tal benefício possa estar, de alguma forma, ligado ao interesse dos pescadores na adesão à colônia e na entrada na atividade nos últimos anos. Em suma, o levantamento socioeconômico realizado neste trabalho produziu muitas informações importantes para o desenvolvimento de políticas públicas que podem beneficiar os pescadores da comunidade do Angari. Pode, dessa forma, colaborar para redução dos impactos sociais e ambientais sofridos por essa comunidade, contrapondo-se ao abandono de suas tradições e oportunizando o sustento desses pescadores por meio dos recursos pesqueiros. Como políticas podemos sugerir o fornecimento de assistência técnica especializada, com intuito principal de agregar valor ao pescado; formação de cooperativas para venda do pescado, aproveitamento de partes do pescado, a exemplo do couro, para fabricação de artesanato; incentivo para atividades e eventos sociais na comunidade, com objetivo de atrair turistas e consumidores dos produtos; trabalhar a educação de forma que leve em consideração a leitura de mundo dessa comunidade.

Referências

- Adger, E. N., Brooks, N., Bentsen, G., Agnew, M., & Eriksen, S. (2004). *New indicators of vulnerability and adaptive capacity. Technical Report 7, 1-122. London: Tyndall Centre for Climate Change Research.*
- Albuquerque, U. P., Lucena, R. F. P., & Cunha, L. V. F. C. (2010). Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. *Estudos & Avanços, 14*(1), 115-123.
- Alencar, C. A. G., & Maia, L. P. (2011). Perfil socioeconômico dos pescadores brasileiros. *Arquivos de Ciências do Mar, 44*(3), 12-19. doi: 10.32360/acmar.v44i3.149
- Alencar, E. F. (1993). Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In L. G. Furtado, W. Leitão, & A. F. Mello (Eds.), *Povos das águas, realidade e perspectivas na Amazônia* (p. 63-81). Belém, PA: MCT/CNPq/Museu Goeldi.
- Alves, A. D., & Justo, J. S. (2011). Histórias de pescadores: estudo com ribeirinhos desalojados por uma hidrelétrica. *Psicologia Política, 11*(22), 309-328.
- Alves, V. L. S. (2014). *Ecologia humana dos pescadores do Angari: representações simbólicas e pertencimento* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA.
- Begossi, A. (1998). Resilience and neo-traditional populations: the caícaras (Atlantic Forest) and cablocos (Amazon, Brazil). In F. Berkes, & C. Folke (Eds.), *Linking social and ecological systems: management practices and social mechanisms for building resilience* (p. 129-157). Cambridge, GB: Cambridge University Press.
- Begossi, A. (2002). *Latin América Fisheries: Local organization and management*. Tunisia, ZA: Latin América Fisheries.
- Berkes, F., Colding, J., & Folke, C. (2000). Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. *Ecological Applications, 10*(5), 1251-1262. doi: 10.1890/1051-0761(2000)010[1251:ROTEKA]2.0.CO;2
- Berman, R., Quinn, C., & Paavola, J. (2012). The role of institutions in the transformation of coping capacity to sustainable adaptive capacity. *Environmental Development, 2*, 86-100. doi: 10.1016/j.envdev.2012.03.017
- Boff, L. (2004). *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro, RJ: Sextante.
- Brasil. (2016). *Defeso da Piracema restringe a pesca na bacia do rio São Francisco até o fim de fevereiro*. Recuperado de <http://www.ibama.gov.br/publicadas/defeso-da-piracema-restringe-a-pesca-na-bacia-do-rio-sao-francisco-ate-o-fim-de-fevereiro>
- Cardoso, E. S. (2001). *Pescadores artesanais: natureza, território, movimento social* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Cardoso, R. S. (2005). *A pesca comercial no município de Manicoré (Rio Madeira), Amazonas, Brasil* (Dissertação de Mestrado). Manaus, AM: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/Fundação Universidade Federal do Amazonas.
- Cattani, A. D., & Holzmann, L. (2006). *Dicionário de trabalho e tecnologia*. Porto Alegre, RS: UFRGS.
- Ceregato, A. S., & Petrer Jr., M. (2003). Financial comparisons of the artisanal fisheries in Urubupungá complex in the middle Paraná river (Brazil). *Brazilian Journal of Ecology, 63*(4), 673-682. doi: 10.1590/S1519-69842003000400014
- Claval, P. (1999). O território na transição da pós-modernidade. *GEO-graphia, 1*(2), 7-26. doi: 10.22409/geographia.v1i2.16
- Diegues, A. C. (1993). *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo, SP: Cadernos de Pesquisa/Nupaub- USP.
- Esteva, G. (1992). Development. In W. Sachs (Ed.), *The development dictionary: a guide to knowledge as power* (p. 6-25). London, GB: Zed Books.
- Fernandes, V., & Sampaio, C. A. C. (2008). Problemática ambiental ou problemática socioambiental? A natureza da relação sociedade/meio ambiente. *Desenvolvimento e Meio Ambiente, 18*, 87-94. doi: 10.5380/dma.v18i0.13427
- Folke, C., Berkes, F., & Colding, J. (1998). Ecological practices and social mechanisms for building resilience and sustainability. In F. Berkes, & C. Folke (Eds.), *Linking social and ecological systems: management practices and social mechanisms for building resilience* (p. 414-436). London, GB: Cambridge University Press.

- Heathcote, I., & Thomas, M. P. (1997). Feminism and environmental management: the role of rural women in developing countries. *Journal of environmental education and information*, 16(1), 61-78.
- Hoebel, E. A., & Frost, E. L. (2001). Cultural and social anthropology (Euclides Carneiro da Silva, trad.). São Paulo, SP: Cultrix.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2010a). *Mapa municipal estatístico de Juazeiro, Bahia*. Recuperado de ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/ba/juazeiro_v2.pdf
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2010b). *Censo demográfico. 1940-2010*. Recuperado de <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/nupcialidade-e-fecundidade.html>
- Marques, J. G. (2010). O camponeiro de setembro e as ladainhas de maio. Comunidades Tradicionais pesqueiras do Brasil e sua inserção no nicho ecológico. In A. G. Alves, F. J. Souto, & N. Peroni (Eds.), *Etnoecologia em perspectiva. Natureza, cultura e conservação* (p. 127-142). Recife, PE: Nupeca.
- Maruyama, L. S. (2007). *A pesca artesanal no Médio e Baixo Rio Tietê (São Paulo, Brasil): Aspectos estruturais, sócio-econômicos e de produção pesqueira* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Aqüicultura e Pesca, Instituto de Pesca, Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, Sistema de Autenticação e Autorização, São Paulo, SP.
- Maruyama, L. S., Castro, P. M. G., & Paiva, P. (2009). Pesca artesanal no médio e baixo Tietê, São Paulo, Brasil: aspectos estruturais e socioeconômicos. *Boletim do Instituto de Pesca*, 35(1), 61-81.
- Massumoto, C. (2003). *As atividades pesqueiras da comunidade caiçara de Picinguaba (Ubatuba, São Paulo)* (Dissertação de Mestrado). Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Mello, L. G. (1987). Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Milton, K. (1993). *Environmentalism. The view from anthropology. Asa monographs* 32. New York, NY: Routledge.
- Moran, E. F. (2010). *Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica* (2 ed., rev. e ampl., Carlos Coimbra, Marcelo Soares Brandão e Fábio Larsson, trad.). São Paulo, SP: USP/Senac.
- Moscovici, S. (2011). *Representações sociais: investigações em psicologia social* (8 ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Oliveira, J. C. S., Vasconcelos, H. C. G., Pereira, S. W. M., Nahum, V. J. I., & Teles Junior, A. P. (2013). Caracterização da pesca no reservatório e áreas adjacentes da UHE Coaracy Nunes, Ferreira Gomes, Amapá-Brasil. *Biota Amazônica*, 3(3), 83-96. doi: 10.18561/2179-5746/biotaamazonia.v3n3p83-96
- Paiva, F. R., Castro, P. M. G., & Maruyama, L. S. (2006). Pesca artesanal na Represa Billings, Estado de São Paulo: uma arqueologia da existência. In *II Seminário de Gestão Socioambiental para o Desenvolvimento Sustentável da Aqüicultura e da Pesca no Brasil* (p. 1-6). Rio de Janeiro, RJ.
- Pires, I. M., & Craveiro, J. L. (2012). Ética e prática da Ecologia Humana: questões introdutórias sobre a ecologia humana e a emergência dos riscos ambientais. In *I Seminário Internacional de Ecologia Humana em Paulo Afonso* (p. 1-32). Salvador, BA.
- Prost, C. (2007). Ecodesenvolvimento da pesca artesanal em região costeira – estudos de caso no Norte e Nordeste do Brasil. *GeoTextos*, 3(1-2), 139-169. doi: 10.9771/1984-5537geo.v3i0.3049
- Ramalho, C. W. N. (2007). *Embarcadouros do encantamento: trabalho como arte, estética e liberdade na pesca artesanal de Suape, PE* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Rezende, P. C., & Oliveira, I. M. (2015). Descrição socioeconômica dos pescadores no Baixo São Francisco, Nordeste-Brasil. *Desenvolvimento Econômico, XVII*(esp.), 671-689.
- Rocheleau, D., & Edmunds, D. (1997). Women, men and trees: gender, power and property in forest and agrarian landscapes. *World Development*, 25(8), 1351-1371. doi: 10.1016/S0305-750X(97)00036-3
- Rojas, M. L. (2011). *Superar la adversidad: el poder de la resiliencia*. Madrid, ES: Espasa.
- Santos, M. A. S. (2005). A cadeia produtiva da pesca artesanal no estado do Pará: estudo de caso no nordeste paraense. *Amazônia Ciência & Desenvolvimento*, 1(1), 1-20.
- Silva, M. E. P. A., Castro, P. M. G., Maruyama, L. S., & Paiva, P. (2009). Levantamento da pesca e perfil socioeconômico dos pescadores artesanais profissionais no reservatório Billings. *Boletim do Instituto de Pesca*, 35(4), 531-543.
- Silvano, R. A. M. (1997). *Ecologia de três comunidades de pescadores do Rio Piracicaba (SP)* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Souza, A. F. G., & Brandão, C. R. (2012). Paisagem, identidade e cultura sanfranciscana: sujeitos e lugares das comunidades tradicionais localizadas no entorno e nas ilhas do médio rio São Francisco. *Geo UERJ*, 1(23), 77-98. doi: 10.12957/geouerj.2012.3698
- Tuan, Y. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (Lívia de Oliveira, trad.). São Paulo, SP: Difel.
- Woortmann, E. F. (1992). Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades pesqueiras do nordeste. Republicado com o título 'Da complementaridade à Dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras do Nordeste. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18(7), 41-61.

Received on April 17, 2017.

Accepted on May 30, 2018.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.